

BIRIGUI

Prefeitura prepara programa para microempres

A Prefeitura de Birigui está preparando um programa de apoio às microempresas da cidade. O projeto é voltado para as empresas que funcionam de forma clandestina, sem os registros e documentação necessários, e também para os pretendentes a microempresários. Segundo o assessor administrativo, Plínio Alves da Silva, 45 anos, a Prefeitura vai tentar fazer um convênio com os escritórios de contabilidade da cidade, que deverão ficar encarregados de providenciar os registros legais necessários para os candidatos, a custo zero. Hoje, o custo dos honorários cobrados para a abertura de uma microempresa varia entre 1 e 2 salários mínimos (De R\$ 64,50 a R\$ 129,00).

A intenção é legalizar essas empresas, sem ônus para os microempresários. "As despesas seriam bancadas pela Prefeitura", explica. Um projeto, de autoria do vereador e presidente da Câmara, Waldemar Antônio Zavanella (PMDB), isenta os microempresários do pagamento dos impostos e taxas municipais.

O projeto ainda não foi votado, mas o assessor acredita que sua aprovação vai ser obtida sem dificuldades. "É mais um fator para incentivar os empresários que ainda não estão legalizados". O projeto deve ir para a Câmara na próxima semana.

Além da isenção de tributos municipais e do custo zero para legalizar a firma, os microempresários irão contar com a assessoria de um técnico do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado de São Paulo (Sebrae/SP), que ficará em Birigui um dia por semana, na Prefeitura, para atender as empresas.

Silva já considera o programa um sucesso. "Mesmo antes do lançamento, eu já recebi pelo menos três pedidos de cadastramento", entusiasma-se ele. Hoje, o assessor se reúne com os representantes de aproximadamente 25 escritórios de contabilidade, para tentar viabilizar o convênio. "Um contador já se propôs a fazer o serviço de graça", garantiu Silva. Explica-se: o contador sabe que depois de abrir a firma, vai ganhar um cliente.

Procon tenta reduzir preço do pão francês para R\$ 0,06

BIRIGUI - O coordenador do Procon em Birigui, Leonardo Gracia Neto, quer reduzir o preço dos pães de 50 gramas para R\$ 0,06 na cidade. Segundo Gracia, depois de calcular os preços dos insumos (farinha, fermento, mão-de-obra, energia elétrica e outros), ele concluiu que é possível vender os pães nesse valor, já com 50% de lucro. O coordenador vai convocar os donos de padaria para uma reunião, e tentar obter um acordo que permita a redução dos preços.

O pão de 50 gramas tem sido vendido com preços que variam entre R\$ 0,09 e R\$ 0,10. O valor encontrado pelo coordenador do Procon é o mesmo praticado por alguns supermercados da cidade. "Os custos são os mesmos para todos, e se os supermercados podem vender a R\$ 0,06, as padarias também podem".

Ontem, o Procon já estava trabalhando com mais um funcionário, depois de matéria publicada pela Folha da Região, denunciando a falta de estrutura do órgão. O prefeito, Florival Cervelat (PMDB), agiu rápido e deslocou o contador Waldemar Bonfim para auxiliar Gracia. Cervelat prometeu também destacar dois fiscais para ajudar nos trabalhos.

O dono da Panificadora Vitória, Ari Alves, disse que reduzir o preço do pão é impossível. "Só se abaixarem os preços dos insumos". Para ele, não se pode comparar uma padaria a um supermercado. Alves admite que os custos são os mesmos, mas diz que os supermercados vendem o pão mais barato, para utilizá-lo como chauriz. "Como não dependem do pão, podem vendê-lo mais barato", explicou.

Ricúpero denuncia pressões para modificar Plano Real

BRASÍLIA - O ministro da Fazenda, Rubens Ricúpero, denunciou ontem, pela primeira vez, o acirramento das pressões para flexibilizar a execução do Plano Real. Ricúpero admitiu que as pressões partem dos empresários, exportadores e trabalhadores e do próprio setor público, que reivindica aumentos salariais, mas foi taxativo: "Eu não vou ceder". Apesar da forte gripe e dor de cabeça, o ministro permaneceu por duas horas e meia discutindo os pontos do programa com a Comissão Mista do Congresso que analisa o plano econômico, reforçando sempre a sua disposição pessoal de cumprir integralmente todas as etapas do plano. "O sucesso do plano é uma questão pessoal, e

no que depender de mim, não será cumprido integralmente todas as etapas, inclusive o livro orçamentário".

Ricúpero está preocupado com o rombo de US\$ 2 bilhões que ocorrerá no orçamento do governo decida com o aumento de 28,5% para os funcionários civis e militares. A economia é contra a redução dos salários agora. O ministro negocia com o presidente Franco a concessão de um percentual inferior aos pedidos pelos militares.

O ministro quer estabelecer um cronograma de recuperação dos salários e vitorios para o próximo

Folha da Região

POLÍTICA

ARACATUBA, QUARTA-FEIRA, 20 DE JULHO DE 1994 - 7

BIRIGUI

Lula fala para empresários e operários

O candidato da Frente Popular à presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, se encontrou ontem com cerca de 160 empresários de Birigui e região na fábrica de calçados Popi, a maior daquela cidade. Lula voltou a criticar o governo Real, defendeu as reformas agrária e tributária, inclusive com redução no número de impostos, e disse que é preciso criar empregos para que o Brasil continue a crescer. Além de Lula, estavam no encontro o candidato do PT ao governo do Estado, José Dirceu, e a ex-prefeita de Birigui, Luiza Erundina, além de vários candidatos do partido à Câmara dos Deputados e à Assembleia Legislativa. O prefeito Dirival Cervelati, que é do PSB, compareceu ao encontro.

José Dirceu disse que, se eleito, pretende regionalizar os planos de desenvolvimento do Brasil. "Cada região de São Paulo tem suas características e deve ser levado em conta no planejamento do crescimento. Os empresários receberam informações dos candidatos com entusiasmo e cautela. Lula, Dirceu e Erundina falaram ainda com cerca de 700 operários da fábrica. O candidato à presidência acabou falando dois minutos com os líderes da Popi, entre eles o funcionário Dirival Cervelati, que trabalha há 15 anos na fábrica.

Entre os empresários estão os proprietários da Popi, Henrique Fioroto, o irmão da fábrica de calçados Antônio Liraço, que também é presidente do sindicato dos calçadistas de Birigui, e o gerente da Calçados Klin, José Mestriner. João Fioroto, antes de falar, disse que o encontro é importante do encontro para a democracia. Lula fez um pedido para que a fábrica, realizar aqui o encontro com os empresários e com os operários. Nós aceitamos na mesma forma que fazemos com todos os candidatos políticos que aqui quiserem falar conosco. Ele considero

Paulo Gonçalves



Lula promete realizar reformas tributária e agrária se eleito

Candidato teve sapatos furtados no Nordeste

As caravanas da cidadania de Lula já fazem parte do folclore político. São incontáveis as histórias, curiosidades e coincidências que marcam cada etapa da campanha. O candidato utiliza três ônibus da empresa baiana São Geraldo. Um dos veículos fica permanentemente na reserva para ser utilizado em caso de quebra de um dos outros. Dos seis motoristas, um, que pediu para não ter o nome divulgado, está há cerca de quatro meses com Lula. "Já rodei mais de 70 mil quilômetros, vi e conheci coisas que não imaginava que existissem", conta.

Segundo ele, numa determinada cidade do Nordeste sentiu um par de sapatos do candidato. "Deve estar no pé de algum B", imagina.

Na chegada da comitiva petista, na noite de segunda-feira, os dois aviões tinham o prefixo PT, seguido pelas três outras letras de praxe. A segurança de Lula utiliza sofisticados sistemas de comunicação, como um minúsculo aparelho de ouvido, que serve para receber e transmitir mensagens ao mesmo tempo, e mais os tradicionais walk-talkies. E não faltam as malheres bunitas e bem vestidas.

ra as metas de Lula viáveis, "porque só dependem de vontade política".

POUCO TEMPO

Já Mestriner disse que os planos apresentados pelos candidatos eram "aparentemente muito bons, mas impossíveis de serem executados em apenas quatro anos de mandato". Ele acredita que ainda é muito cedo para tomar partido. "Temos que analisar com cuidado todos os

candidatos". Cervelati, também cauteloso, disse que Lula tem bons planos, mas ressaltou que gostaria de ver se a execução seria igual ao planejamento. Perguntado sobre quem apoiaria no segundo turno, caso o candidato de seu partido Orestes Quércia não chegue lá, Cervelati desconvendeu. "Vai ser o Fernando Henrique?", perguntou o repórter. O prefeito se balançou a cabeça e disse: "Pode ser, pode ser..."

Birigui prepara a primeira feira de calçados da região

Paulo Gonçalves



Vedevotto: a feira, organizada por empresa, vai ser profissional

o Museu vai sediar, entre 30
consequência de dois de setembro, a
a R\$ 500 mil a primeira de calçados da re-
as com o Biexpo, voltada para
com o Biexpo, terá 47 estandes,
no antigo prédio das
curso de calçadaria, na rua Silveiras
os não foi transformado em
s polígonos para exposições. A feira
tude vai durar entre 13 horas e
diminuirá o dia seguinte, segundo o diretor ex-
izado do Sindicato da Indústria de Calçados e Vestuário de
Região, Nalberto Vedevotto, 42 anos, a feira está
novida pela empresa
Propaganda e
de Barra Bonita. Já
os com a presença no even-
das Kipasso, Grifine,
lo disse Hobby, Nene-Fofi,
curado na, Finobel, Ypo e
ira, dona Loreno, todas de
adornadas
ocorrerá
l, pois
em disse
stério
corrente
il público
ça de les
te ordem
to. Tam
queixa co
Quercia
"Xavier
a no
explica e
alid
iSan
sidades
dos valo
do de no
ro deste

início de julho. Na Franca, fo-
ram distribuídos cerca de 10.000
folhetos da feira biriguiense. "O
resultados é que eu recebi telefo-
nemas de São Paulo e Goiás, de
lojistas interessados", revelou.

O diretor conta que a mai-
oria dos associados do síndica-
to estava relutando em partici-
par da Biexpo. "Fizemos uma
pesquisa entre os 79 associa-
dos e destes, só 13 deram cer-
teza que participariam". Mes-
mo assim, Vedevotto acredita

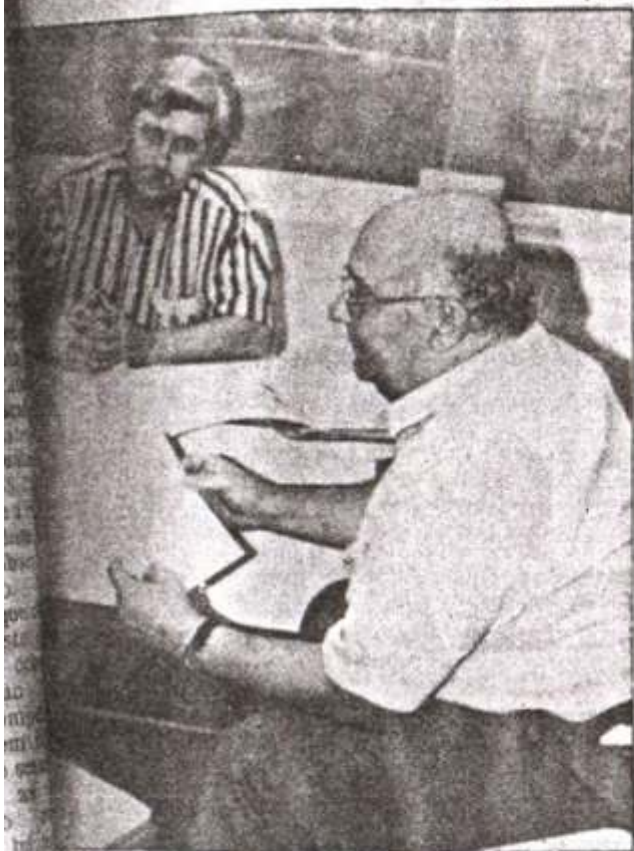
que o evento vai ser um suces-
so. O sindicato está pedindo ao
Serviço de Apoio às Micro e
Pequenas Empresas do Estado
de São Paulo (Sebrae/SP) que
subsidiar parte dos custos dos
estandes. Vedevotto disse que
conversou com o gerente regi-
onal da entidade, Rames Saad
Júnior, que teria se mostrado
receptivo à idéia. "Queremos
que o Sebrae/SP cubra 35%
dos custos e o restante ficaria
por conta dos expositores".

ECONOMIA

ARAÇATUBA, DOMINGO, 24 DE JULHO DE 1994 - 11

Microempresas de Birigüi buscam modernização

Paulo Gonçalves



Carlos Sette e, de óculos, Carlos Amaral, analisando dados

Grupo de microempresários forma pólo para melhorar atuação no mercado, com serviços profissionalizados

O Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado de São Paulo (Sebrae/SP), está implantando, em conjunto com o Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigüi e Região, o **Pólo de Modernização**. Voltado essencialmente para os pequenos fabricantes de calçados, o Pólo é um centro de consultoria gratuita, cujo principal objetivo é profissionalizar o microempresário. "Aqui ele pode trazer seus problemas de produção, marketing, finanças e administração, suas dúvidas e receber orientação profissional, que inclui um diagnóstico de sua empresa", explicou o consultor Carlos Roberto Ferraz do Amaral, 51 anos. A idéia do Pólo é descobrir soluções em comum para problemas compartilhados pelas empresas e detectados nos diagnósticos.

Existem 27 empresas participando do programa em Birigüi, mas o número ainda é considerado baixo. "Quanto

maior for o número de empresários envolvidos maior são as chances de sucesso do Pólo", disse o também consultor Carlos Roberto Sette, 45 anos. Para ele, falta empenho do empresariado em buscar soluções para seus problemas. "Em Jaú, o Pólo começou com 32 empresas e hoje são mais de 100, com uma infra-estrutura gerenciada por eles mesmos e apoiada pelo Sebrae/SP". O Pólo já existe em Franca, São José do Rio Preto, Jaú, Ibitinga, Itú, Votuporanga e outras cidades, atuando em áreas que vão da fabricação de calçados a cerâmica, passando pela agricultura.

Os consultores se reúnem com os empresários às quintas e sextas-feiras, na Faculdade de Tecnologia de Birigüi (Fateb), às 19h. Durante o dia eles ficam à disposição dos interessados, no mesmo local. "É importante lembrar que é tudo gratuito, não há taxas ou qualquer outro custo para o empresário", disse Sette. Conforme Amaral, o Sebrae/SP está montando a estrutura básica do Pólo, mas este no futuro deve ser gerenciado pelos próprios participantes.

Sette, que é responsável

pela área de administração e finanças, aponta cinco principais dificuldades diagnosticadas na área entre as empresas participantes: falta de gestão de recursos financeiros (política financeira que forneça parâmetros para aspectos como capital de giro, endividamento, margem de lucro e investimento) e ausência de controles financeiros adequados, como uma simples planilha de custos; amadorismo dos sócios-gerentes, falta de treinamento do pessoal, e falta de informatização.

Já Amaral, que cuida do marketing, nota que as empresas também têm dificuldades com administração de vendas, falta de orientação mercadológica, inexistência de uma política de preços (como não sabem quanto gastam para fabricar, os empresários acabam fixando preços de forma equivocada), falta de adequação do produto às necessidades e interesses do mercado, total ausência de controle de qualidade e desconhecimento do processo de qualidade total, falta de profissionalismo na modelagem, e falta de uma política de propaganda e

publicidade que privilegie os centros de consumo do produto.

O terceiro consultor do Sebrae/SP, João Thomaz Ribeiro de Almeida, responsável pela área de produção, diz que os principais problemas encontrados nas empresas de Birigüi são a falta de planejamento da disposição interna dos maquinários (que ocasiona perda de tempo e produtividade), desconhecimento das técnicas do processo de produção de calçados, inexistência de controle de planejamento e produção (PCP) e falta de uma política de administração de materiais.

Os problemas apontados são "uma dura realidade, mas os empresários têm consciência de seus problemas e tentam superá-los", disse Amaral. Os três consultores são unânimes em afirmar que a Fateb possui uma estrutura "excelente" e que está sendo mal aproveitada pelos empresários locais e até pelo próprio sindicato. Para eles, deveriam ser realizados convênios, especialmente nas área de informática e desenho industrial, para treinamento de funcionários.

6 - ARAÇATUBA, SEXTA-FEIRA, 29 DE JULHO DE 1994

CIDADES

Folha da Região

BIRIGUI

Indústrias e operários negociam salário

Sindicalista diz que valores oferecidos por patrões já são pagos por algumas indústrias

A última reunião entre patrões e empregados das indústrias do setor calçadista de Birigui para decidir os percentuais de reajuste salarial do dissídio coletivo da categoria será realizada hoje às 10h. Caso não haja acordo, o Sindicato dos Empregados nas Indústrias do Vestuário de Birigui e Região vai convocar assembleia dos trabalhadores e propor a decretação de greve, segundo afirmou o presidente da entidade, Odair Calegari. "É greve legal, pois estamos em dissídio", lembrou.

Ele acusa os representantes das indústrias de tentar conter os reajustes para prejudicar os trabalhadores, já que o próximo dissídio será realizado só em julho de 1995 e até lá os salários deverão ficar congelados. O sindicato dos trabalhadores quer que o piso geral da categoria suba para R\$ 120,00 e que seja dado reajuste de 30% em média para todas as funções. Hoje o piso geral é de R\$ 79,15.

Os sindicatos patronal oferece 10% sobre o salário de junho, mais 2% em agosto e outros 3% em setembro. Pela proposta patronal, uma costureira passaria a receber R\$ 150,00, uma



Paula Gonçalves

Pais o sindicalista Odair Calegari, "proposta é uma baleia"

pespontadeira R\$ 135,00 e um montador R\$ 125,00. "A proposta é uma baleia, pois esses valores já são pagos em muitas indústrias e não haverá nenhuma melhoria para a categoria", disse Calegari. "Desse jeito não vejo possibilidade de acordo".

O sindicato defende R\$ 180,00 para o setor de corte, R\$ 175,00 para a montagem e R\$

160,00 para o pesponto. Outra reivindicação dos empregados é o aumento da cesta básica dos atuais 22 para 28 itens.

O acordo feito no último dissídio, em 1993, previu a concessão da cesta básica por 12 meses. O sindicato patronal não concorda com o aumento, mas promete manter a distribuição da cesta por mais 12 meses.

Sindicato de Franca tenta aplicar golpe

O presidente do Sindicato dos Empregados nas Indústrias do Vestuário de Birigui e Região, Odair Calegari, está acusando o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias do Calçado de Franca de tentar se apossar da entidade biriguiense com finalidades políticas. A briga começou no nome de terça-feira, quando o sindicato de Franca propôs um ato público na Praça 12r, Franca, no centro da cidade, e pediu aos trabalhadores que desfilassem a atual diretoria do

sindicato de Birigui. Calegari reagiu acusando o grupo de Franca, formado à Central Única dos Trabalhadores (CUT), de querer fazer política com o sindicato local, que não é filiado a nenhuma central sindical.

Segundo Calegari, os sindicalistas de Franca chamaram a Birigui para fazer o mesmo ato público em nome do dissídio coletivo que a categoria está discutindo com o sindicato patronal. "Não permitimos da cidade e até convocamos a manifestação dos empregados de aqui na praça, mas eles estavam

preparando uma armadilha", comentou Calegari, revoltado. "Eles já estavam indo, nas nossas costas, até as fábricas para insultar os trabalhadores contra a atual diretoria". O sindicato de Birigui tem o controle de aproximadamente 15 mil trabalhadores em toda a região e é considerado um dos maiores sindicatos independentes do Estado. "Acordos de vitórias em época de eleições para fazer uma sinistra dessas, o pessoal de Franca deveria olhar pelos 9 mil desempregados de lá", contra-atacou.